
O '68" DO CATOLICISMO BRASILEIRO E SUA

ATUALIDADE: O EXEMPLO DA DIOCESE

DE NOVA IGUAÇU*

Massimo Sciarretta**

Resumo: *a aplicação na esfera educacional das diretrizes de Medellín por parte da Igreja Católica brasileira engajada na “opção preferencial pelos pobres” possibilitou o desenvolvimento considerável da conscientização social e política das massas, a fim de desvendar as contradições da ditadura militar. O “68” da Igreja proporcionou no Brasil um dos maiores projetos de educação não estatal na época contemporânea, tornando-se, desta forma, um ponto de aglutinação de instâncias democráticas. Qual seria o legado deste “novo jeito de ser Igreja” na época atual de choque entre as religiões?*

Palavras-chave: *Igreja Católica. Teologia da Libertação. 1968. Ditadura militar.*

M arcar um período histórico com uma data específica é algo difícil, e, na maioria das vezes, bastante restritivo. No caso da Igreja Católica Brasileira, é sabido que o fato dela ter sido considerada – durante a década de 70 – a Igreja mais próxima às necessidades dos últimos da sociedade afunda em raízes mais remotas. Com efeito, desde a segunda metade dos anos 50 percebe-se o início de uma profunda transformação que – entre avanços e recuos – levará, no período mais feroz da ditadura, a parte majoritária da Igreja a assumir um compromisso significativo com a causa dos pobres (SALEM, 1981, p. 63). Todavia, tomando emprestadas as palavras de Oscar Beozzo, podemos dizer que existe na história da Igreja latino-americana “um antes e um depois de Medellín” (BEOZZO, 1994, p. 153).

* Recebido em: 11.05.2012. Aprovado em: 20.06.2012. Este artigo é um extrato da tese de Doutorado intitulada *La Chiesa brasiliana nell'opposizione alla dittatura*, defendida no Dipartimento di Discipline Storiche da Università degli Studi di Napoli Federico II.

** Professor de História do Mundo Contemporâneo no Departamento de História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

De fato, depois de agosto de 1968 a Igreja do subcontinente americano pôde contar com a oficialização, ou melhor, o “selo institucional” de algo já presente no pensamento e na prática de vários religiosos e leigos. Ora, quem naquela circunstância falavade conceitos como “libertação”, “oprimido” e “violência institucionalizada” era o próprio vértice da pirâmide eclesial; por um lado legitimando os que já estavam comprometidos com as camadas mais baixas da população, e, por outro, incentivando os que ainda não haviam feito esta opção.

Foi durante a reunião dos bispos em Medellín – entre as demais iniciativas e declarações – que as mentes religiosas mais progressistas do continente deram impulso a um grande projeto de educação popular. Lembramos a tal respeito as conclusões da Conferência:

Existe, em primeiro lugar, o vasto setor dos homens “marginalizados” da cultura [...] Sua ignorância é uma escravidão inumana. Sua libertação, uma responsabilidade de todos os homens latino-americanos (CELAM, 1998, p. 85). [...]

A educação é efetivamente o meio-chave para libertar os povos de toda servidão e para fazê-los ascender “de condições de vida menos humanas para condições mais humanas” [...] Para tanto, a educação em todos os seus níveis deve chegar a ser criadora, enquanto deve antecipar o novo tipo de sociedade que buscamos na América Latina (CELAM, 1998, p. 88). [...]

A Igreja toma consciência da suma importância da educação de base. Em atenção ao grande número de analfabetos e marginalizados na América Latina, a Igreja, sem poupar sacrifício algum, se comprometerá a promover a educação de base, que não visa somente alfabetizar, mas também capacitar o homem para convertê-lo em agente consciente de seu desenvolvimento integral (CELAM, 1998, p. 92-3).

Conforme salientado, o Brasil foi o país que melhor soube assimilar estas diretrizes. Concomitantemente ao período mais violento da repressão, a Igreja Católica desencadeou um dos mais vastos e significativos trabalhos de educação popular, não realizado por nenhum Estado em época contemporânea. Ela o fez por meio de pastorais sociais, construídas *ad hoc* em setores onde era mais forte o deságio social, quais sejam: a questão da terra, o trabalho operário, a justiça social, a sobrevivência dos povos autóctones. Mas ela favoreceu, sobretudo, o surgimento e o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base.

Por que a Igreja atuou desta forma contra a ordem estabelecida no Brasil? Porque só neste país o radicalismo operou com tal vigor? Quais fatores contribuíram para o surgimento da “Igreja mais progressista do mundo”? (MAINWARING, 1989, p. 9; SKIDMORE, 1988, p. 362). A brevidade deste texto não nos possibilita encarar a fundo essas interessantes questões. Cabe-nos recordar que, sobre esse temailustres estudiosos já gastaram rios de tinta, analisando a questão sob os mais variados aspectos. Autores aos quais remeteremos para aprofundamento dos diversos argumentos e conclusões a respeito.

utilizadas pela Pastoral Operária; tanto nas adotadas pela Campanha da Fraternidade como nas cartilhas preparadas pelas CEBs, o *canovaccio* é sempre o mesmo: tratar questões sociais, políticas, econômicas e culturais com a máxima simplicidade, empregando uma linguagem popular e desenhos explicativos. Isso não era prejudicial à profundidade dos conteúdos, como mostra admiravelmente a cartilha *POVO QUE LUTA*, na qual é representada a idéia do “circulo vicioso” gerada pelas condições de injustiça social (COMISSÃO DE SAÚDE DA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA, 1981, 1)

Outra fonte escrita estudada foi a das notas confidenciais sobre a atividade da Igreja provenientes dos órgãos de controle do regime. Embora se trate de fonte partidarizada, e por este motivo não particularmente isenta, representa algo interessante para entender o juízo que da Igreja tinha seu principal opositor, e também para estimar o peso político que os militares atribuíram ao trabalho dela.

O campo de pesquisa prevalente do estudo foi a Baixada Fluminense e a Diocese de Nova Iguaçu, onde desde 1966 o bispo Dom Adriano Hypólito vinha realizando um importante trabalho de conscientização popular. Sua alergia para com as elites era notória. Em depoimento por nós recolhido, o arquivista da Diocese fez questão de enfatizar que em cada escrito do bispo estava sempre presente a palavra “Povo”, com o P maiúsculo, uma forma de respeito que ia muito além de uma mera escolha



Figura 2 - Brasão de armas. Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.

estilística. Sua inclinação para com os últimos da sociedade era emblematicamente representada em seu brasão de armas, com o lema “*Mandai, ó Senhor, operários*” e o símbolo da foice com o cabo em forma de cruz.

Dom Hypólito assim explicava sua escolha:

Lema e escudo inspiram-se no Evangelho: rogai ao senhor da messe que mande operários para sua messe (Mt. 9,38)...

A foice, instrumento do ceifador, exprime os recursos que Jesus Cristo deu à sua Igreja. Começa em cruz porque é da cruz de Cristo e da cruz carregada com Cristo que os ceifadores e sua ação pastoral tiram a força de salvação.¹

O brasão, porém – e com isto passamos à segunda fonte, a dos militares – não foi interpretado da mesma forma pelos agentes do DOPS. Em nota confidencial de agosto de 1975, anotava-se:

A combinação da foice e da cruz, adotada por D. Adriano Hypólito ao fim de simbolizar sua obra pastoral [...] sintetiza o “progressismo católico-marxista” do qual ele é fautor.¹

À medida em que sua atividade ganhava consenso, Dom Hypólito e a Diocese por ele liderada transformaram-se em objeto de preocupação sempre crescente para a ditadura. Conforme uma nota da polícia política do mesmo período, se conjecturava que

A atividade de D. Adriano Hypólito cresce de importância, dado que sua pregação é voltada para uma população absorvida por problemas socioeconômicos, vulnerável, portanto, à subversão.²

Considerando a ideia de que a Igreja devia cumprir a tarefa de conscientizar o Povo, a Diocese levou adiante uma atividade febril de publicação de cartilhas, folhetos e panfletos, dentre os quais se encontrava *O Informativo*, uma cartilha mensal que se destacava pelo jeito muito divertido de conscientizar, fazendo ironias sobre a situação nefasta do país. É o caso, por exemplo, do “pacote de abril” (conjunto de leis outorgado em 13 de abril de 1977 pelo então Presidente Ernesto Geisel que, dentre outras medidas, fechou temporariamente o Congresso Nacional) e de sua suposta “abertura”. Eles são representados no jornal por uma charge em que figuram um operário diante da porta aberta de uma cela de prisão e um policial justificando seu convite a entrar:

“*no momento, essa é a única abertura que dispomos*” (CENTRO DIOCESANO DE PASTORAL DE NOVA IGUAÇU, 1981, p. 6-7).

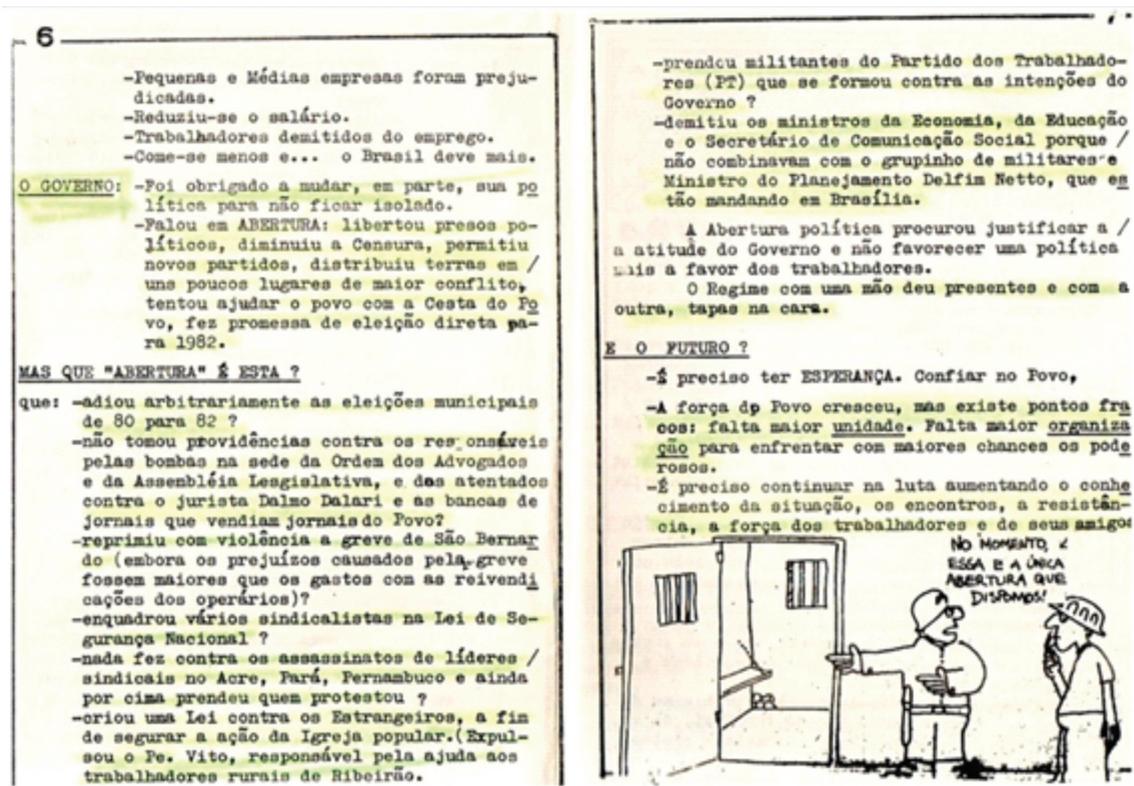


Figura 3 - Informativo da Diocese de Nova Iguaçu. Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.

Em fevereiro de 1978 o próprio Dom Adriano Hypólito escrevia no *Informativo*:

Estamos cansados de viver expostos aos arbítrios de atos institucionais que se sobrepõem à lei básica do País e, a pretexto de segurança do regime, causam insegurança aos cidadãos... Está na hora de voltarmos corajosa e alegremente à plenitude do Estado de Direito. (CENTRO DIOCESANO DE PASTORAL DE NOVA IGUAÇU, 1978a, p. 3).

Esta carta preanunciava a criação da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, um órgão voltado à defesa dos direitos humanos, tanto individuais como coletivos, conforme o slogan: “*Não é o comunismo não, é a verdade, a espinha de peixe que se atravessa na garganta dos exploradores do Povo*” (CENTRO DIOCESANO DE PASTORAL DE NOVA IGUAÇU, 1978b, p. 6).

Recém-nascida, a Comissão preparou uma carta pública ao então Ministro da Justiça, Armando Falcão, que representava um ato de acusação da ação política desempenhada pelo governo, culpada por deixar agir impunemente os famigerados “Esquadrões da morte”, e uma denúncia da evidente participação de integrantes da polícia nessas quadrilhas:

De janeiro até agora (março de 1978) foram encontrados mortos na Baixada Fluminense nada menos que 95 pessoas [...] Nesses noventa e cinco corpos, um detalhe curioso para os menos avisados chamaria a atenção. Para os outros, acostumados com tais eventos, representa apenas

uma dolorosa rotina: em todos os mortos, além das sevícias – desde a castração ate a mutilação de outros órgãos – há indícios de que foram previamente algemados (CENTRO DIOCESANO DE PASTORAL DE NOVA IGUAÇU, 1978b, 10-11).

A incansável atividade da Comissão de Justiça e Paz não passou despercebida aos militares, que, de tal forma, avaliavam sua estrutura e finalidade:

Essa equipe que dirige a CDJP é constituída por pessoas de certo gabarito intelectual e, entre esses, alguns com militância subversiva, como é o caso do advogado Paulo Amaral [...] As atividades da Comissão, segundo os próprios ensinamentos transmitidos em Medellín, devem cingir-se basicamente à defesa dos direitos humanos, seja na esfera comunitária local, estadual, nacional ou internacional.

Na verdade, o que realmente realiza a CDJP é a permanente contestação ou desprestígio da Revolução de 31 de março de '64, traduzido em contundentes e acres críticas ao governo e aos militares. Até hoje não se tem notícia de qualquer iniciativa para condenar o permanente desrespeito aos direitos humanos no Irã, no Afeganistão, na Itália com a ação das Brigadas Vermelhas, a recente invasão da Embaixada Dominicana em Bogotá ou o problema dos refugiados cubanos³.

Além da Comissão Diocesana de Justiça e Paz, a Diocese de Nova Iguaçu tinha uma dentre as mais aguerridas Comissões Pastorais Operárias do Brasil, liderada pelo padre Agostinho Pretto. Também a Pastoral Operária de Nova Iguaçu utilizava as cartilhas para sua obra de conscientização, às vezes com um viés muito criativo. Utilizava, por exemplo, panfletos contendo roteiros teatrais com o fim de incentivar a realização de peças que falassem da luta operária. É o caso do panfleto *Jesus Operário*, em que se narra a história da vida, morte e ressurreição de um líder metalúrgico – Jesus – durante os anos turbulentos das greves dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, entre o fim dos anos setenta e o começo da década de oitenta.

Na capa da cartilha que continha o roteiro da peça, encontra-se em destaque o desenho de um operário uniformizado, com capacete e chave inglesa no bolso, segurando o cálice na mão esquerda e o pão na mão direita. O operário Jesus viverá sua *Via Crucis* pessoal durante uma manifestação de rua em defesa dos direitos dos trabalhadores na qual encontrará a morte por causa de um tiro disparado por um policial. Umaalusão clara aos operários Manoel Fiel Filho, morto no cárcere em 1976, e Santo Dias da Silva, morto pelas costas pela PM paulista em outubro de 1979, durante uma greve dos metalúrgicos. Com esta ressurreição do século XX conclui-se na cartilha:

Jesus [falando aos companheiros que não acreditavam em sua ressurreição]: *“Homem de pouca fé! Jesus não está morto, mas ele vive. Ele está vivo. Jesus vive em cada operário, em cada trabalhador que não aceita o julgo da escravidão. Jesus vive em cada operário que está*



Figura 4 - Jesus Operário. Subsídio para a Pastoral Operária.
Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.

cansado de pagar com a vida o preço do progresso que beneficia somente alguns. Jesus vive no Boia-Fria que com a sua enxada dá de alimento a muitos, e que agora não mais aceita sua condição de marginalizado. Jesus vive no índio que luta pela sobrevivência de sua cultura. Jesus vive no negro que luta contra a discriminação. Jesus vive em cada trabalhador que se organiza para lutar pelos seus direitos de gente. Jesus está vivo. Basta ter olhos para ver” (SILVIONE, s.d., p. 29).

A polícia política observava o fenômeno com certa apreensão.

Uma nota informativa de outubro de 1978 abordava o problema, analisando outra cartilha com o título “*Um teatro que Liberta*”, publicada pela Pastoral Operária da Região Nordeste II da CNBB, e distribuída na Baixada Fluminense:

[a cartilha] é distribuída em várias comunidades, com o objetivo de facilitar a tarefa dos que estão empenhados em fazer do teatro um canal de transmissão da mensagem libertadora (página 1). A cartilha, que continha a orientação de como “preparar uma pequena peça” (página 2) [...] propõe a difusão de mensagens que:

- mostrem as contradições econômicas e sociais, empurrando os cristãos a “lutar por um mundo de justiça e igualdade” (p. 5)*
- conduzem as classes populares a “descobrir” o vínculo existente entre as canções e a realidade em que vivem. Sugere a canção de protesto “Roda Viva” de Chico Buarque de Holanda (p. 6)*
- despertem no povo o interesse e a crítica às situações de injustiça (p. 7 e 8)*
- procurem despertar os espectadores, mostrando que “não devem simplesmente resistir, porque desta maneira nada se resolve”*
- apresentem Jesus como um revolucionário que lutava contra as injustiças, por isto “considerado agitador e subversivo” (p. 13)*

Pelas ideias expostas, pode-se concluir que se trata de publicação com a finalidade de “conscientizar” o povo, predispondo-o a um sentimento de revolta.⁴

Como já salientado, a produção de cartilhas não era apenas obra dos vértices da Igreja. A grande força e a indubitável novidade da Igreja Católica brasileira daquela época estavam na sua capacidade de envolver a comunidade de fiéis em seu conjunto, através de um processo de recíproca influência, de cima para baixo e vice-versa.

Paulo Freire deixava claro que a verdadeira libertação teria ocorrido quando também os analfabetos, os últimos, se tivessem tornado fazedores de cultura. Um claro exemplo disso foi a Igreja de *Nossa Senhora das Graças* de Nova Iguaçu, que, em 1982, deu vida a uma cartilha mensal na imitação da cartilha publicada pela própria Diocese, o *Informativo*. Um dos números dessa cartilha (constituída de notícias, análises da realidade, charges, imagens ilustrativas etc.) leva na capa um Jesus Cristo com o indicador apontado para o leitor e a frase “*Preciso de Você*”. Sua finalidade era convencer os fiéis da necessidade do compromisso social, lembrando o célebre “*I want you*” do Tio Sam, utilizado pelo governo americano para incentivar os compatriotas a participarem da

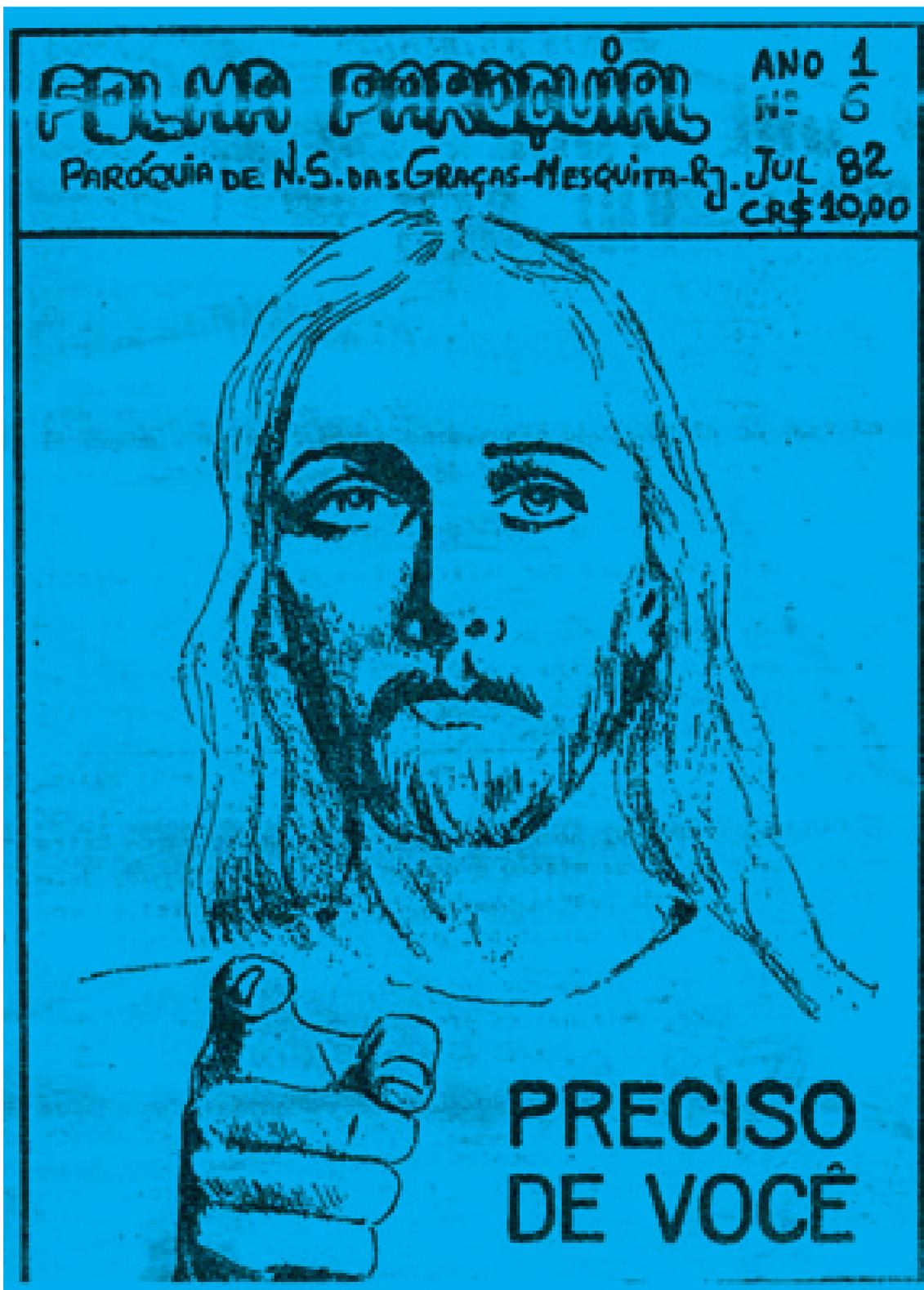


Figura 5 - Folha Paroquial. Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.

Primeira e da Segunda Guerra Mundial (PARÓQUIA DE N.S. DAS GRAÇAS – MESQUITA, 1982, 1).

As atividades de empenho social nas CEBs conseguiram tal centralidade que induziram até mesmo os militares a pensar que elas fossem potencialmente subversivas à ordem constituída. Em nota confidencial do I Exército, de 28 de abril de 1980, os militares prefiguravam um cenário nada pacífico no interior da Igreja de base. No ano anterior, a Revolução Sandinista triunfara na Nicarágua valendo-se do apoio das comunidades eclesiais de base. Julgando a partir deste dossiê secreto, parece que o temor de que algo semelhante também pudesse ocorrer no Brasil era forte entre os militares brasileiros:

CONFIDENCIAL

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
I EXÉRCITO

No. RI. 28 ABR 1980

1. ASSUNTO : COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE(CEB)- 4.6.4.
2. ORIGEM : I Ex
3. AVALIAÇÃO : -
4. DIFUSÃO : PMERJ - DGIE/RJ - ARQ
5. DIF DESDE ORIGEM : -
6. ANEXO : -
7. REFERÊNCIA : -

3042
28/04/80
[assinatura]

P. DE BUSCA Nº 300 -D/80

1. DADOS CONHECIDOS

a. Recentemente, realizou-se em SÃO PAULO o IV CONGRESSO INTERNACIONAL ECUMÊNICO DE TEOLOGIA. Naturalmente, que os temas ali debatidos tiveram seu significado "político".

b. Esse significado político seria o desdobramento dos trabalhos das CEB em fases que consistiriam:

- 1) desprestigiar a próxima visita do PAPA JOÃO PAULO II, interpretando "progressivamente" os seus pronunciamentos;
- 2) tornar impraticável a cogitada saída do CARDEAL PAULO EVARISTO ARNS da ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO;
- 3) armar as CEB, com vistas a uma próxima insurreição no País, particularmente na zona rural e área de concentração operária.

Figura 6 - Nota Confidencial do I Exército. Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro.

a. Recentemente, realizou-se em São Paulo o IV Congresso Internacional Ecumênico de Teologia. Naturalmente, que os temas ali debatidos tiveram seu significado “político”.

b. Esse significado político seria o desdobramento dos trabalhos das CEBs em fases que consistiriam:

1) desprestigiar a próxima visita do papa João Paulo II, interpretando (progressivamente) os seus pronunciamentos;

2) tornar impraticável a cogitada saída do Cardeal Paulo Evaristo Arns da Arquidiocese de São Paulo;

3) armar as CEBs com vistas a uma próxima insurreição no País, particularmente na zona rural e área de concentração operária.⁵

Isso tudo para descrever as consequências desencadeadas pela opção preferencial que a Igreja brasileira fez para com os pobres, e que teve a Conferência de Medellín como seu marco histórico mais importante.

Qual seria a utilidade atual deste legado? Voltando às conclusões de Medellín, famosa é a parte em que se diz:

Não basta, certamente, refletir, conseguir mais clarividência e falar. É necessário agir. A hora atual não deixou de ser a hora da “palavra”, mas já se tornou, com dramática urgência, a hora da ação (CELAM, 1998: 38).

Pois bem: quando necessário, a Igreja do Brasil agiu e o fez tornando-se um ponto de aglutinação de instâncias democráticas, atuando, ao contrário do que conjecturavam os militares, como uma pacífica máquina de guerra. E mesmo à distância de muitos anos, isto representa um exemplo de evidente atualidade, podendo se tornar um antídoto cultural interessante para uma humanidade sempre mais apertada entre o *bible belt* norte-americano e as *madrasas* islâmicas, distantes anos-luz entre si, embora assustadoramente semelhantes na comum invocação ao Deus dos Exércitos, à prática da doutrinação e da inculturação, à indisponibilidade em confrontar-se com o outro.

Num período histórico em que a religião reapareceu no palco mundial de maneira vigorosa, muito embora tenha entrado pela “porta errada” da intransigência, da concepção que exclui o diferente, de atitudes que acabaram por gerar fundamentalismos de credo e latitude diversos, a Igreja Católica brasileira – ao contrário – mostrou o exemplo de “*um novo jeito de ser religião*” (parafraseando um dos seus slogans mais eficazes utilizados durante a época da ditadura, “um novo jeito de ser Igreja”).

Tal atitude favoreceu a formação de inúmeros movimentos sociais e populares, fundamentais no caminho rumo à redemocratização do país na década de oitenta.⁶ Contribuiu ainda para a posterior criação do Fórum Mundial Social, verdadeira usina mundial de pensamento alternativo ao da globalização de cunho neoli-

beral. A todos esses movimentos a Igreja popular forneceu frequentemente os quadros, a ajuda logística, a mística e a parceria na luta para as reivindicações sociais.⁷

A nosso ver, este é um exemplo paradigmático da incidência da fé nas dinâmicas sóciopolíticas não apenas brasileiras, mas mundiais, que demonstra a importância de um elemento que se revelou mais do que uma simples super-estrutura, colocado com demasiada pressa entre as quinquilharias obsoletas dos séculos passados.

THE YEAR '68 OF BRAZILIAN CATHOLICISM AND ITS TIMELESS CHARACTER: THE EXAMPLE OF NOVA IGUAÇU DIOCESES

Abstract: The application of the Medellín's policies in educational sphere by part of Brazilian Catholic Church engaged in the "poor preferential share", allowed an important development of social and politics knowledge by the masses, in order to reveal military dictatorship contradictions. The "68" of the Church in Brazil provided one of the biggest educational projects which weren't offered by State contemporaneously, becoming, in this way, an agglutination point of democratic instances. Which could be the legacy of this "new way of being Church" in a time of crash between the religions?

Keywords: Catholic Church. Liberation Theolog. 1968. Military Dictatorship.

Notas

¹ Centro Diocesano de Pastoral de Nova Iguaçu. Brasão de armas escolhido, em 1966, pelo Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hypólito, Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.

² Fundo das Polícias Políticas, *Nota Confidencial do DOPS*, setor DGIE, pasta 247, folhas 11-12, agosto de 1975, Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro.

³ Fundo das Polícias Políticas, *Nota Confidencial do DOPS*, setor DGIE, pasta 247, folhas 11-12, agosto de 1975, Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro.

⁴ Fundo das Polícias Políticas. *Nota confidencial do I Exército*, setor municipal, pasta 152, folha 2276-z, 1980, Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro.

⁵ Fundo das Polícias Políticas, *Nota Confidencial do DOPS*, setor DGIE, pasta 247-A, folha 417-8, outubro de 1978, Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro.

⁶ Fundo das Polícias Políticas. *Nota Confidencial do I Exército*, setor DGIE, pasta 247-B, folha 433, 28 de abril de 1980, Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro. A parte sublinhada é própria do texto.

⁷ Sobre o ponto, leiam-se Singer (1980), Ferreira (1983) e Doimo (1995).

⁸ Entre os outros, Burdick (2004) e Semeraro (2007).

Referências

- BEOZZO, O. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II; de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BURDICK, J. *Legacies of Liberation. The Progressive Catholic Church in Brazil at the start of a new millennium*. Hampshire: Ashgate, 2004.
- CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CENTRO DIOCESANO DE PASTORAL DE NOVA IGUAÇU. *Informativo*. Cartilha da Diocese de Nova Iguaçu, Ano 4, n. 8, abril de 1981, p. 6-7, Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu, RJ.
- _____. *Informativo*. Cartilha da Diocese de Nova Iguaçu, Ano 1, n. 7, março de 1978 (a), p. 3, Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.
- _____. *Informativo*. Cartilha da Diocese de Nova Iguaçu, Ano 1, n. 9, maio de 1978 (b), p. 6, 10-11, Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.
- COMISSÃO DE SAÚDE DA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA. *Povo que luta*. Cartilha da Comissão de Saúde da Arquidiocese de Vitória, abril/maio de 1981, capa, Arquivo da Diocese de Vitória, ES.
- DOIMO, A.M. *A Voz e a Vez do Popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. São Paulo: ANPOCS/Relume-Dumará, 1995.
- LESBAUPIN, I. (Org.). *Igreja, Movimentos Populares, Política no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1983.
- MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- PARÓQUIA DE N.S. DAS GRAÇAS – MESQUITA. *Folha Paroquial*. Cartilha da Paróquia de N.S. das Graças, ano 1, n. 6, julho de 1982, p. 1, Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.
- SALEM, H. (Org.). *A Igreja dos oprimidos*. São Paulo: Brasil Debates, 1981.
- SALLES, A. *Movimentos Populares Urbanos e suas Formas de Organização Ligadas à Igreja*. Classes populares e Igreja nos caminhos da história. *Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, ANPOCS, n. 2, p. 63-95, 1983.
- SEMERARO, G. *Da libertação à hegemonia: Freire e Gramsci no processo de democratização do Brasil*. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 29, p. 95-104, 2007.
- SILVIONE, A. C. *Jesus Operário*. Subsídio para a Pastoral Operária, Arquivo da Diocese de Nova Iguaçu, p. 29.
- SINGER, P. (Org.). *São Paulo: o povo em movimento*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- SKIDMORE, T. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.